

EXPERIÊNCIAS AGROECOLÓGICAS PROTAGONIZADAS POR MULHERES

relatos do Ceará e do Rio Grande do Sul



EXPEDIENTE

Redação:

Textos produzidos pelas mulheres dos grupos da Feira Agroecológica de Viçosa do Ceará, da associação AMADECOM e dos grupos Morro do Forno e Alegria de Viver, durante atividades promovidas pela Fundação CEPEMA e Centro Ecológico.

Organização:

Ana Luiza Meirelles

Revisão:

Maria José Guazzelli

Projeto gráfico:

Amanda Borghetti

Fotos da capa:

Eduardo Magalhães
Acervo Centro Ecológico

Fevereiro de 2014

ENDEREÇOS ÚTEIS

Fundação CEPEMA

www.fundacaocepema.org.br
Fone: Fortaleza (85) 214-1772

Centro Ecológico

www.centroecologico.org.br
Fones: Ipê-Serra (54) 3233-1638
e Litoral Norte (51) 3664-0220



CONTEÚDO

Apresentação	3
Experiências no Ceará	5
Experiências no Rio Grande do Sul	19
Conclusão	32

LISTA DE SIGLAS

ADAE - Agente de Agricultura Ecológica

AMADECOM - Associação de Mulheres Agricultoras para o Desenvolvimento Comunitário de Três Forquilhas

AMTRU - Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais e Urbanas da Região Litorânea

EJA - Ensino de Jovens e Adultos

MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

MIM - Movimento Ibiapabano de Mulheres

MMC - Movimento de Mulheres Camponesas

MMTR - Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais

PAA - Programa de Aquisição de Alimentos

STTR - Sindicato dos(as) Trabalhadores(as) Rurais de Viçosa



Nosso carinhoso agradecimento às mulheres que compartilharam suas vivências e ao apoio da Terra do Futuro/Suécia.



Localização geográfica dos estados do Ceará e Rio Grande do Sul.



APRESENTAÇÃO

O objetivo desta cartilha é difundir, ampliar e fortalecer as organizações e grupos de mulheres agricultoras nas iniciativas de produção ecológica e manejo agroflorestal, aliando segurança alimentar, geração de renda e preservação do meio ambiente em bases da economia popular solidária.

A parceria da Fundação CEPEMA e do Centro Ecológico, com apoio da Terra do Futuro, traz experiências concretas de suas áreas de atuação nos estados do Ceará e Rio Grande do Sul.

São regiões distantes geograficamente, e bem diferentes uma da outra, mas que têm em comum a luta e as conquistas de mulheres agricultoras.

Sabe-se que, normalmente, o trabalho das mulheres não recebe a devida atenção quando se trata de apresentar as experiências da agricultura familiar de base ecológica – homens normalmente são os protagonistas e as mulheres são aquelas que “ajudam”.

Portanto, o que aqui apresentamos é o resultado de muito trabalho e dedicação, esperando que, assim, outras mulheres possam se inspirar e acreditar na sua intensa capacidade de transformar, para melhor, a realidade que vivem.

EXPERIÊNCIAS NO CEARÁ

A Fundação Cepema levantou algumas experiências de mulheres na Serra da Ibiapaba, nos municípios de Viçosa do Ceará, Tiangá e Ibiapina, situados no noroeste do Ceará.

Estas experiências receberam assessoria através do projeto *Agricultura ecológica e agrofloresta: geração de renda, segurança alimentar, economia solidária e saúde para famílias e comunidades*, apoiado pela Terra do Futuro/Suécia.



Localização dos municípios de Viçosa do Ceará, Tiangá e Ibiapina no estado do Ceará.



Dona Terezinha Cândida Sousa Araújo

GRUPO DA FEIRA DE AGROECOLOGIA DE VIÇOSA DO CEARÁ

Como uma estratégia para alterar o quadro crítico de violência contra as mulheres inicia, em 2004, o MIM (Movimento Ibiapabano de Mulheres), com atuação em 10 municípios da região da Serra da Ibiapaba.

Em 2007, a Feira Agroecológica de Viçosa surge de uma parceria entre a Fundação CEPEMA, o STTR – Sindicato dos(as) Trabalhadores(as) Rurais de Viçosa e o MIM, juntamente com um grupo de mulheres onde estava florescendo o desejo de autonomia econômica. A feira iria, na prática, contribuir com a renda nas famílias, expandir a economia local, as parcerias e fortalecer o movimento através das relações de gênero. A ideia era oferecer produtos diferenciados, da agricultura orgânica, que não contêm nenhum tipo de veneno e produzidos dentro do sistema agroecológico bem como melhorar a qualidade de vida.

Mais do que comercializar produtos, a feira traz como referenciais a agroecologia, os produtos orgânicos que são comercializados, a maior autonomia e autoestima dessas mulheres, além de proporcionar a produção orgânica como uma alternativa para a Serra da Ibiapaba.

Organizada e administrada somente por mulheres, foi uma das primeiras feiras agroecológicas no Ceará e, atualmente, é exemplo para outros municípios e até para a capital cearense, Fortaleza. A Feira de Agroecologia de Viçosa do Ceará de Saberes e Sabores, como é chamada, acontece semanalmente possibilitando a troca de experiências entre produtores e consumidores de todas as idades e classes sociais que passam por ela. O espaço surge também como um ponto de fortalecimento da cultura local, onde muitos grupos populares se apresentam, da cultura ecológica florestal da Serra e da culinária local.

As mulheres que compõem o grupo são chefes de família e dividem sua dupla jornada de trabalho entre o trabalho doméstico e a agricultura, provendo parte da alimentação da família.

O grupo tem como objetivos a promoção e a inserção social e econômica das mulheres, a educação ambiental e agroecológica, envolvendo o saber popular e acadêmico nas atividades de formação, de organização

comunitária, produção, geração de renda e na promoção da segurança alimentar.

As mulheres se identificam como agricultoras familiares, com idade de 20 a 65 anos. Cerca de 5% têm o ensino médio, concluído recentemente através do EJA (Ensino de Jovens e Adultos), 85% têm ensino fundamental incompleto, e 10% são alfabetizadas, sabendo assinar seus nomes.

Todas têm documentação, como Identidade, CPF e Carteira de Trabalho. Para esse grupo, o lazer acontece geralmente quando dos festejos das igrejas católicas ou quando ocorrem os festejos nas comunidades, e o lazer é para as famílias.

Entre os avanços positivos, as mudanças de hábitos e de atitudes das mulheres do Grupo da Feira de Agroecologia estão o resgate da autoestima, através da Feira e da participação em capacitações no grupo. Além de serem feirantes, foram em busca do reconhecimento de suas potencialidades - são mulheres, mães, esposas, trabalhadoras do lar, agricultoras e empreendedoras. Algumas produzem artesanatos como passatempo, outras como terapia ou complementação da renda familiar. São mulheres multiplicadoras de luta, de saberes e exemplos a outras agricultoras nesse processo de uma agricultura ecológica e com uma melhor qualidade de vida.

Como geram renda, os processos de comercialização, produção e organização das mulheres são fatores de relevância e têm contribuído de forma positiva nas relações de gênero na comunidade e na família. Nas relações de gênero com os companheiros, houve avanços positivos, em um processo lento de diálogo e que vem se reconstruindo no dia a dia da convivência.

O manejo agroecológico, como tecnologia utilizada nas unidades de produção familiar no município de Viçosa, foi avaliado de forma positiva através do projeto Agroecologia em Rede, executado pelos STTRs de Tianguá e Viçosa. Este manejo contribuiu com diversos fatores para a redução do impacto ambiental provocado pela agricultura na região. Entre eles, estão a melhoria da capacidade produtiva do solo e da qualidade dos alimentos, além da redução dos danos causados à saúde das pessoas quando utilizavam agrotóxicos nos quintais produtivos, nas mandalas. Também aumentou o respeito à mãe natureza na conservação da sua biodiversidade.

Entre as dificuldades apontadas estão a pouca disponibilidade de produtos, principalmente na época do verão e a falta de um planejamento de produção. Os produtos mais ofertados são hortaliças, frutas, mel, ovos e galinhas caipira.

Entre os desafios, está o de aumentar a produção agroecológica, garantir a sustentabilidade e firmar parcerias que sejam abertas à prática de consumo responsável.

A feira representa, desde do início, um espaço de liberdade para as mulheres, e um espaço de troca de experiências e de aprendizado sobre a produção agroecológica. Os sábados são momentos de terapia, de sair da rotina, além de contribuírem com o aumento da renda da família das produtoras que participam e que já participaram no decorrer desses anos de existência da feira.

Terezinha Cândida Sousa Araújo

Comunidade Lagoa do Carnaubal, Viçosa do Ceará

Em agosto de 2007 a história de Dona Terezinha foi tema da matéria publicada na revista *Agrofloresta*, da Fundação CEPEMA, sob o título ‘Dona Terezinha e a natureza de mãos dadas para recuperar a vida.

“Tenho orgulho de ter participado da primeira publicação e fiquei muito feliz de ter feito parte desse trabalho. E até hoje as pessoas reconhecem meu trabalho como a ‘Senhora da capa da revista’”

“Minha história teve início com minha insistência de fazer um curso de agrofloresta e agroecologia pela Fundação CEPEMA em 2005.” O primeiro contato com a agrofloresta foi tinha sido em 2004, no início do trabalho da Fundação CEPEMA em Viçosa do Ceará. “Eu sempre tive tendência pra preservar a natureza, não queimar, não desmatar. Mas, a questão da agrofloresta eu não sabia de fato como fazer”.

Filha de uma família com oito irmãos, apenas ela permanecia como agricultora. Hoje está afastada da agricultura por motivo de doença mas, até então, cuidava da herança familiar – um sítio com cerca de 90 hectares – dedicando-se à área de um hectare que elegeu para implantar o sistema agroflorestal, trabalho este iniciado em novembro de 2005, com a ajuda esporádica do genro e do marido. “Eu me sentia na obrigação de resgatar e preservar a natureza. Reconstruir aquilo que eu ajudei a destruir, sem consciência, junto com meu pai”, diz, explicando porque optou pelo manejo agroflorestal. “Segundo a avaliação dos técnicos do CEPEMA minha agrofloresta era a mais ativa da região e uma terra de carrasco muito produtiva, tinha cajá, cajueiro, paraíba.”

Feira de Agroecologia de Viçosa do Ceará. Foto: Eduardo Magalhães



Feira de Agroecologia de Viçosa do Ceará. Foto: Eduardo Magalhães



Esteve desde o início da Feira Agroecológica de Viçosa do Ceará, época de dificuldades por causa do poder público que não queria a realização da mesma “e queriam retirar nossas barracas. Montamos um piquete com as mulheres para a garantia da continuidade de nossa Feirinha. Foi uma luta forte, resistente. Iniciamos realizando a feira uma vez por mês e com a organização produtiva das mulheres e a demanda dos clientes, resolvemos fazer a experiência de realizar todos os sábados, e até hoje ela vem se mantendo mesmo com as dificuldades que enfrentamos. O fluxo de participação das mulheres na Feira tem muito a ver com a produção delas, e tem sábado que elas não tem produtos para levar para a Feira.”

“Eu fui a primeira mulher da Viçosa do Ceará a ter um progresso nesse trabalho de agrofloresta e agroecologia. A Fundação CEPEMA foi a primeira incentivadora do meu trabalho, eu como agricultora e sindicalista, porque mulher não era para estar nesse trabalho e foi desafiador uma nova forma de fazer agricultura. A revista de agrofloresta da Fundação acho que ajudou muito nosso trabalho inicial da produção orgânica e de agrofloresta em nossa região, e hoje tem muitas mulheres produzindo de forma orgânica, mesmo não praticando a agrofloresta, e na nossa região isso é uma conquista.”

“Depois desse curso, a paixão de preservar a natureza só aumentou. E hoje sou uma multiplicadora desses conhecimentos que tenho, mesmo com minhas dificuldades ainda assim eu repasso o que aprendi e a minha experiência.”

“Mas é triste ver que minha área está abandonada. Sempre coloquei que minha maior dificuldade e também para qualquer uma de nós, é não conseguir introduzir a família na área, porque quando a cabeça da história não puder, por algum motivo, a família estará lá dando continuidade. E comigo aconteceu meus primeiros problemas de saúde na visão muito de repente, fui dormir e acordei com problemas na visão e sem conseguir ver direito, e em seis meses ficou comprometida parte da visão e depois de um ano ficou ainda mais comprometida, e eu não tive mas condição de continuar meu trabalho e tive que abandonar. Ainda tentei sensibilizar minha família para dar continuidade para meu Sistema Agroflorestal mas, infelizmente, ninguém aceitou”.

“É importante a gente participar dessa construção, dessa história contada por nós mulheres com nossas experiências que ficam registradas e serão base de exemplo para outras experiências surgirem.”

“É com esperança que nossas forças se renovam a cada dia e troca de experiências nos fortalece para a continuidade do trabalho. Aprendemos muito nas visitas com as companheiras do Grupo Agroecológico e do Projeto Agroecologia em Rede. Infelizmente, algumas experiências me deixam triste, quando a família não se insere dentro do sistema de produção, eu sou um exemplo dessa realidade - desde que adoeci minha agrofloresta também adoeceu junto comigo. Minha família, apesar de achar linda a floresta na nossa área, ainda assim não acreditaram e nem investiram sua mão de obra para a continuidade desse trabalho e nossa agrofloresta vem morrendo a cada dia. É triste de ver e não poder fazer nada, e são essas mulheres e com o apoio das famílias que me proporciona a esperança pela vida, de ser um exemplo para elas”.

Ana Maria de Sousa

Comunidade Escorregadeira, Viçosa do Ceará

D. Ana começou a participar da Feira Agroecológica faz três anos e, para ela, foi uma grande vitória.

“É uma terapia pois antes de fazer parte da feira estava doente com depressão e hoje estou recuperada. Nós dividimos as alegrias, as tristezas e o que a gente sente conta uma para outra e nos ajudamos, o recurso das vendas pra mim não é tão valioso quanto as amizades aqui no grupo”.

No início, teve dificuldade com seu esposo para aceitar que ela participasse da feira. Ele perguntava o que ela ganharia com isso e ela respondia que ele deveria ter paciência. “Eu não gosto de contar tudo para meu marido não, somente quando já tenho resultados, e assim aconteceu com minha participação da Feira. Se soubesse antes ele poderia me desestimular a levar a frente meu objetivo.” Ele só soube já com os resultados obtidos, como o consumo dos produtos da Feira, e hoje ela recebe apoio e ajuda dele e do filho na sua produção orgânica. “Antes meu esposo comprava hortaliças como tomate, pimentão, cheiro-verde da CEASA, em Fortaleza, e aos poucos fui conquistando ele. Chegou um determinado dia que pedi para ele não trazer mais esses produtos que



Cultivo em agrofloresta. Foto: Eduardo Magalhães

não são orgânicos e fui, aos poucos, falando que ele estava comprando em excesso, nem estávamos mais consumindo e ficava estragando em casa, porque comecei a consumir da própria Feira. E hoje, quando falta o cheiro-verde, o tomate, o pimentão, a pimentinha, seja que o que produzimos ou levo da Feira, ele já fica me cobrando no momento das nossas refeições, e isso pra mim é uma alegria, uma conquista porque ele não consumiu mais os produtos da agricultura convencional.”

“No início, eu levava para a Feira só produtos de artesanato de um grupo que temos na comunidade e, hoje, tem sábado que levo cheiro-verde, frutas como banana, corantes, doces, polpas, tapioca, paçoca, suco, café, feijão-verde.”

“São essas coisas que nos une na produção agroecológica, a participação na Cooperativa Bodega do Povo e quanto mais estivermos unidas mais nos fortalecemos.

“Temos enfrentado muitas dificuldades como a situação política atual do Sindicato mas que iremos superar com a nossa união. E outras dificuldades são as nossas individuais, são de ordem financeira, tem que ter um planejamento financeiro para comprar os insumos (sementes e esterco). São dificuldades que todas nós da Feira temos e que necessitamos para a produção porque muitas vezes não conseguimos comprar, não temos essa reserva financeira.”

“Mas também temos avanços e conquistas, com o pouco que ganhamos aqui na Feira, por exemplo, eu tinha um desejo de comprar minha árvore de Natal e depois de muitos anos e com meu próprio trabalho consegui comprar minha árvore.”

“Um dos meus sonhos já consegui realizar, o de ser sócia da Bodega do Povo. Outro, é ampliar minha produção além das hortaliças e irei conseguir com minha vontade e minha força de trabalho, com a colaboração da família.”

Maria da Conceição Galeno dos Santos

Comunidade Sítio Vambira, Viçosa do Ceará

“Quando comecei a participar da Feira, em 2009, ela era realizada ainda uma vez por mês. No início não tinha hortaliça orgânica, eu produzia ainda de forma convencional e dessa forma não poderia comercializar na Feira. Então, comecei a participar da Feira trazendo café, pão e bolo. Era uma dificuldade grande, pois não tinha transporte para levar os produtos e nós pagávamos para estar na Feira. Tinha sábado que não tinha o apurado nem para pagar o carro, mas tinha uma compensação no final da Feira, havia uma troca entre nós com nossos produtos e fomos unindo forças e nossa amizade, e o grupo se fortaleceu e em conjunto começamos o desafio de realizar a Feira semanal no final de 2009. Também eu passei a produzir hortaliças orgânicas e passei a vender.”

Conceição iniciou o trabalho com hortaliças orgânicas em 2010, quando recebeu uma mandala que ajudou a aumentar sua produção, e hoje vende de 13 a 15 caixas de verduras por feira. Relata também que quando começou a trabalhar na sua área só tinha cabeça-de-jacaré e pedra, mas hoje sua área está bastante produtiva e sua família trabalha

em conjunto para o bem-estar da família e para consumir alimentos saudáveis.

“É desafiador e difícil você eliminar de uma vez o trabalho convencional com a família, então iniciamos dividindo uma área reservada para o trabalho convencional e outra área para a gente trabalhar com orgânico, e com o tempo conseguimos convencer toda família e o apoio para trabalhar só com orgânicos na produção de hortaliças.”

“Falta recursos financeiros para a compra de insumos (esterco), o nosso solo estava pobre devido ter sido trabalhando por muito tempo com a utilização de produtos com veneno. Algumas mudanças de atitude ajudaram inicialmente esse trabalho, como a diminuição das queimadas. Eu mesma queimava todas as folhas que caía no quintal e hoje sei da importância desse adubo e conseguimos ver alguns resultados. A união da família foi uma conquista e por isso temos hoje bons resultados com a nossa produção de hortaliças, nossa união foi importante e essa união é desde o trabalho na horta como o próprio consumo de nossas produção orgânica. Até meu netinho pequeno, de 3 anos, vem dando sua contribuição na família, ajudando com a lavagem das hortaliças e pra mim esse trabalho fortaleceu a união da nossa família e temos união e trabalho em comum. Quando apareceu algum problema nas hortaliças meus filhos e meu esposo logo pesquisam na internet a causa e juntos encontramos a melhor solução. Enfim, é uma união, é um ajudando o outro, temos dificuldades e enfrentamos juntos.”

“Não só os momento da Feira são bons, mas também nossas reuniões, o dia que nos encontramos, nesse dia se coloca o papo em dia, conversamos sobre nossas dificuldades, os desafios e também um encontro para matarmos a saudade, porque na Feira não há esse tempo para nós devido à dinâmica da mesma.”

“Meu desejo e desafio é que a Feira cresça e que as companheiras não desistam porque umas desistem e acabam enfraquecendo o grupo, que é composto por 4 a 8 mulheres por feira. E que possamos dar continuidade à nossa Feira, que esse grupo se fortaleça e aumente com novas integrantes, que possamos aumentar a produção e a comercialização e as e os consumidores verem que a agroecologia não é uma brincadeira.”

“Uma conquista que temos na nossa Feira é a nossa autonomia financeira, para não estar dependendo de tudo do esposo, e essa conquista são frutos que estamos colhendo.

Ilda Alves Pereira

Comunidade Canta Galo, Viçosa do Ceará

“Meu esposo trabalhava de forma convencional, brocava e queimava, mas com o tempo o Ibama foi na sua propriedade e proibiu essa prática. Meu filho Ivonildo, da Secretaria de Juventude do SSTR de Viçosa, tinha participado do curso de ADAE (Agente de Agricultura Ecológica) em 2005, fez com que ele trabalhasse de uma outra forma, sem utilizar o fogo para preparo da área.”

“Inicialmente, recebi o convite para participar de uma reunião. A princípio falei para meu filho Ivonildo que não queria participar porque também meu esposo não queria que eu viesse. Mas por insistência do meu filho, eu concordei de estar presente. O convite já veio de primeiro para participar da Feira que seria no mês seguinte, então aceitei o desafio e já com apoio do meu filho. Em janeiro de 2008 iniciei minha participação na Feira e Antônio, meu esposo, não concordava e nem apoiava e dizia que era um prejuízo, não tinha lucro só despesas. Eu fui insistente e não fui pela conversa do meu esposo e acho que foi desafiador, mas valeu a pena. Depois passamos a realizar a Feira todos os sábado e hoje estamos vendo resultado desse trabalho, inclusive agora com o apoio da minha família. Todos os anos eu mantenho meu plantio e o excedente da família eu trago para vender na Feira, antes eu só trazia caldo, café, tapioca e tenho diversificado minha produção e minha venda na Feira.”

“Quando comecei a participar da Feira de Agroecologia, a princípio não tínhamos lucro nem para pagar o carro que levamos os produtos para a Feira e hoje já temos resolvido alguns desses desafios.”

“Uma das conquistas com esse aprendizado é que deixei de queimar na minha área e meu esposo também não queima, até hoje.”

“O nosso desafio é a cada dia e tenho tido alguns resultados, como o milho, e hoje levo 10-15 litros de sementes de milho para vender na Bodega do Povo.”

COOPERATIVA DOS PEQUENOS PRODUTORES AGROECOLÓGICOS E ARTESÃOS BUDEGA DO POVO

Uma das problemáticas citadas, em todos os diagnósticos nos grupos, sempre foi a comercialização da produção, principalmente para quem produzia de forma agroecológica. O excedente sempre vendido ao atravessador não trazia nenhum conforto nem segurança aos agricultores e agricultoras, que na época da safra acabavam vendendo por um preço baixíssimo.

Para a superação desse problema, as comunidades, a Pastoral Social da Diocese de Tianguá e a Cáritas Brasileira Regional Ceará elaboraram o projeto para a cooperativa. Hoje, a experiência é referência para os grupos e entidades do Ceará.

Atualmente está localizada no município de Viçosa do Ceará, em espaço cedido pelo SSTR. A Cooperativa dispõe do espaço para a comercialização dos produtos dos grupos de artesanatos e agroecológicos. Têm 41 pessoas associadas, 50% homens e 50% mulheres, e são agricultores, agricultoras e artesãs dos municípios de Tianguá, Ibiapina e Viçosa. A Bodega do Povo comercializa bolsas, toalhas, centros de mesa, roupas, etc., e verduras, hortaliças, frutas e outros produtos, como café.

A formação do grupo da cooperativa iniciou com a mobilização das comunidades e grupos para a comercialização em rede. Foram várias reuniões, atividades de formação, visitas de intercâmbio e, aos poucos, foram se consolidando e dando mais vida a essa proposta. Começava, então, a tomar forma a Bodega do Povo, realizando sonhos de comercialização sem a presença de atravessadores.

Hoje, a Bodega do Povo tem uma infraestrutura adequada para seu funcionamento e para a realização das Feiras.

Depois de um ano de funcionamento e muita discussão, em 2005 foi criada a COOPA (Cooperativa dos Pequenos(as) Agricultores(as) Agroecológicos e Artesãos – Bodega do Povo.

Tanto a feira como a cooperativa são espaços responsáveis pelo incentivo à produção das mulheres e à produção familiar.

Grupos de mulheres, na região, relacionados à prática agroecológica:

GMA – GRUPO DE MULHERES ARTESÃS

Comunidade Escorregadeira, Viçosa do Ceará

GRUPO DAS MANDALAS

Distribuído em dez comunidades, Viçosa do Ceará

GRUPO AGROECOLOGIA EM REDE

Viçosa do Ceará e Tianguá

GRUPO FLOR DO CROÁ

Pindoguaba, Tianguá

GRUPO ARTE DA VIDA

Assentamento Nova Esperança, Tianguá

GRUPO FÁBRICA DE BOLO

Comunidade Jurema do Norte, Ibiapina

GRUPO COLETIVO DE MULHERES DO STTR DE IBIAPINA

Ibiapina

GRUPOS DE MULHERES DE CHORÓ

Comunidades de Serra da Palha, Poço do Barro, Croatá e Feijão, Choró



1. Bodega do Povo / 2. Confeção de artesanato. Fotos: Eduardo Magalhães



1. Visita à AMADECOM / 2. Mulheres do Morro do Forno na Feira da Biodiversidade 2014.

Fotos: 1. Acervo Centro Ecológico / 2. Ana Luiza Meirelles



EXPERIÊNCIAS NO RIO GRANDE DO SUL

É sabido que a Agroecologia é um campo fértil para a discussão das relações sociais e de gênero pois, na medida que se propõe a revisão dos sistemas produtivos, poderiam se rever as relações sociais de gênero. Entretanto faz-se necessária uma clara intenção política.

Uma das características dos grupos, associações e cooperativas que têm se organizado em torno da produção agroecológica é que os mesmos são majoritariamente formados por homens, como “representantes” das famílias, ou ainda mistos, isto é, quando participam homens e mulheres de forma um pouco mais ativa no que diz respeito à representação institucional ou nas reuniões. Na essência, as mulheres são extremamente participantes na produção e ainda na comercialização, especialmente nas feiras.

Os trabalhos aqui apresentados são de grupos formados por mulheres, o que os diferencia de outros no âmbito do trabalho do Centro Ecológico. Assim sendo, acredita-se que os mesmos precisam ser valorizados e apresentados como uma alternativa possível e viável para inúmeras mulheres rurais.

Duas das experiências estão situadas na região do Litoral Norte, nos municípios de Três Forquilhas e Morrinhos do Sul, e uma na Serra Gaúcha, no município de Ipê.



Localização dos municípios de Morrinhos do Sul, Três Forquilhas e Ipê, no estado do Rio Grande do Sul.

GRUPO DE MULHERES ECOLOGISTAS DO MORRO DO FORNO

Morrinhos do Sul

A maioria das mulheres do Grupo de Mulheres Ecologistas do Morro do Forno, comunidade quase centenária, nasceu na roça, trabalha com produção ecológica de alimentos desde o início do grupo e participa ativamente da vida da comunidade na igreja, sindicatos, associação de moradores, clube de mães, etc.

A região é de Mata Atlântica, coberta de morros. A origem dos moradores é alemã e italiana e seus antepassados vieram da região metropolitana de Porto Alegre.

Cada família foi ocupando um pedaço de terra, onde começaram a produzir uma grande diversidade de alimentos: aipim, batata doce, arroz de sequeiro, açúcar vermelho, feijão, cana para açúcar e cachaça. 'Só se comprava o sal', recordam as mulheres.

Para esses primeiros moradores, as autoridades da época na região enviaram pés de café, não se sabe se de São Paulo ou do Paraná. Eram mais altos que os de hoje, com frutos difíceis de alcançar e era preciso bater nos pés para que caíssem. "O café era pra consumo, se não plantasse não tinha. Porque não tinha pra comprar. Naquele tempo não tinha e meu pai uma vez fez café até de milho." lembra Lúcia Correa dos Reis Cardoso.

Essa cultura de comprar ao invés do fazer, junto com o auge do cultivo de banana convencional, na metade dos anos 1980, pôs abaixo tanto a segurança alimentar das famílias quanto muitos dos pés de café, de laranja e outras frutíferas.

Com a formação do grupo, a partir de uma demanda por café orgânico para o 5º Encontro Ampliado da Rede Ecovida de Agroecologia, em 2005, esse e outros cultivos começaram a ser resgatados pelas mulheres.

Ao contrário da banana, que é pesada e cultivada longe da casa, muitas vezes no alto de morros, o café é uma cultura delicada, um fruto leve, que pode ser manejado no entorno da casa, mas também dentro dos bananais.



Foto: Acervo Centro Ecológico

Rótulo de café ecológico do Grupo de Mulheres Ecologistas do Morro do Forno

Hoje, a produção de café é o carro-chefe do grupo formado principalmente por mulheres que optaram pela agroecologia por razões de saúde e por acreditarem que pode dar certo.

A comercialização e a falta de transporte para as feiras são as principais dificuldades, que acabam provocando o afastamento de pessoas do grupo. Outro obstáculo é a sobrecarga de trabalho das integrantes além de alguns companheiros que dificultam a produção agroecológica por não acreditarem nisso. Por isso, atualmente, cinco mulheres fazem parte do grupo: Maria Elena Gomes, Ondina dos Reis Steffen, Lucia Correa dos Reis Cardoso, Zenilda dos Reis Steffen e Cristiane dos Reis Steffen

"As outras não saíram mas também não atuam", explica Maria Elena. Conforme a agricultora, elas continuam produzindo café e fazendo a feirinha na praça de Morrinhos do Sul aos sábados, "com produtos caseiros e poucas verduras, e seguidamente elas falam em desistir". O único homem do grupo é o marido de Zenilda, Jorge Steffen, que produz açaí, banana, tubérculos e raízes da agrobiodiversidade local. Sua última aposta é a araruta.

Consciente de que é uma caminhada lenta, Maria Elena sabe que o trabalho em grupo é fundamental para as transformações que a sociedade precisa: "Se se quer construir uma coisa maior tem que ser assim, sozinha a gente não consegue mais nada. Pode até ter uns trocados no bolso, mas não consegue nada. Ainda tem aquilo de – ah, vou dar meu tempo – mas se está trabalhando em grupo pode não estar sendo beneficiado num momento, mas mais na frente vai ser. No início, os moradores da comunidade mandavam a gente ir dormir já que não tínhamos outra coisa para fazer. Até aqui, estamos mostrando que estamos vencendo com persistência, pois a parceria na família foi pouca".

Se nas famílias ainda falta cooperação, o apoio técnico de entidades na assessoria, organização do grupo, capacitações e compra de equipamentos, busca incentivar o trabalho do grupo." Com o torrador que conseguimos através do Centro Ecológico, a gente pode padronizar o café. Antes, cada vez ficava de um jeito", contam as mulheres. Através da Share, do Canadá, receberam uma seladora, uma embaladora e uma balança.

Os sonhos ainda vão mais longe: "Queremos melhorar o local onde vendemos na comunidade, conseguir produzir verduras com mais qualidade, aumentar a produção do café e também o café em agrofloresta com a banana e a juçara."

Àquelas mulheres que vão começar, fica o exemplo da persistência e algum conselho: "Que se formem, que se informem, façam cursos de agricultura ecológica e também de como trabalhar em grupo."

AMADECOM: O DESAFIO DE TRANSFORMAR UM SONHO EM REALIDADE

Três Forquilhas

Para que o sonho de muitas companheiras pudesse acontecer, algumas tiveram que passar por dificuldades. O surgimento da AMADECOM (Associação de Mulheres Agricultoras para o Desenvolvimento Comunitário de Três Forquilhas) é um bom exemplo, contado através da experiência da companheira Celi. Ela, na época, foi quem estava à frente desse processo. Foi uma história de lutas e vitórias, que serviu de exemplo e desencadeou muitas conquistas. Foi o início de uma nova etapa na comunidade de Boa União, município de Três Forquilhas.

Celi é natural de uma comunidade chamada Barreiro, neste município. Morou com seus pais agricultores até os 14 anos de idade. Pela dificuldade de sobreviver na roça e na tentativa de buscar uma vida melhor, seus pais decidiram morar na cidade. Celi casou, teve filhos, concluiu o primeiro grau e, depois de 22 anos, voltou para Três Forquilhas quando o marido se aposentou.

Juntamente com outras companheiras, assumiram o compromisso de defender a vida, e fazer algo em favor do meio ambiente e das mulheres. A partir do engajamento no MMTR (Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais), hoje MMC (Movimento de Mulheres Camponezas), com sede em Três Cachoeiras, formaram o grupo de base Por Amor à Vida, viabilizando a organização das mulheres na luta por seus sonhos. A missão já não parecia mais tão difícil, pois juntas tudo é possível.

Estas mulheres buscaram um espaço onde elas poderiam por em prática e passar para outras mulheres o que iam aprendendo. O grupo optou pela agroecologia pela necessidade de fazer algo concreto, produzir de forma saudável, sem agredir a natureza e se contrapondo ao modelo de produção convencional.

Elas acreditam que há um processo natural para o entendimento e adaptação da agroecologia pois implica em uma mudança nas concepções que cada ser humano adquire desde que nasce. Neste caso específico, a agroecologia foi o diferencial que uniu e trouxe renda para o grupo.

Houve, e ainda há, muita resistência por parte da comunidade, principalmente por parte dos homens. Houve muitos problemas com relação ao uso de agrotóxicos, que ainda é grande na comunidade, pois as pessoas têm dificuldade de entender os problemas ocasionados e a degradação que causam na natureza.

Na sede do grupo, onde tem o espaço de cultivo das plantas medicinais, o proprietário que doou a área ainda utilizava venenos bem na

extrema, o que dificultou o trabalho, contaminando as plantas que eram usadas para fazer os medicamentos e o grupo seguiu tentando buscar uma solução.

Essa luta não foi fácil. No município não havia espaço para formação e organização política do povo, muito menos para as mulheres. As próprias mulheres e famílias não entendiam nem acreditavam no seu potencial. Surgiram muitos conflitos. Pela falta de estrutura, tanto familiar como de propriedade da terra, que não está no domínio das mulheres, poucas têm credibilidade na implementação de novas possibilidades. Mas o sonho de liberdade e justiça não deixou Celi e o grupo desanimarem. Nesse longo caminho também houve muitas conquistas.

Assim surgiu a AMADECOM. Um exemplo de resistência, de conquista e de vitória, o início de uma grande luta, pois simplesmente como grupo não poderíamos responder juridicamente e nem acessar projetos. A AMADECOM sendo registrada e legalizada, possibilitou buscar muito mais para o grupo e para a comunidade.

Biscoitos produzidos pela AMADECOM. Foto: Acervo Centro Ecológico



Pães produzidos pela AMADECOM. Foto: Acervo Centro Ecológico



As mulheres que fazem parte da associação são todas agricultoras, pequenas proprietárias, têm entre 30 e 45 anos de idade, com escolaridade de ensino fundamental incompleto. Todas as associadas possuem documentos pessoais e bloco de produtora. Não possuem atividades e/ou espaços de lazer específicos, passam os fins de semana em casa, geralmente trabalhando, e esse também é um dos objetivos da Amadecom: buscar espaços de lazer para as mulheres, mais um grande desafio a ser alcançado.

A produção é basicamente ecológica e se divide em produtos *in natura* (hortaliças em geral, aipim, batata doce, abacate, lima, limão e banana) e agroindustrializados (pães, bolachas, macarrão, melado, açúcar mascavo e chimias). As famílias produzem a maior parte dos alimentos, priorizando o consumo interno e comercializando o excedente, e isso tem um peso grande para a qualidade de vida destas pessoas. O grupo também desenvolve atividades relacionadas ao cultivo e preparo das essências das plantas medicinais, a grande maioria delas cultivadas em suas casas, que utilizam para a prevenção e tratamento de diversas doenças na família e para a comunidade. A divisão de tarefas na produção envolve as famílias interessadas.

As mulheres participam de atividades de formação e capacitação promovidas pelo MMC, Centro Ecológico e outras entidades parceiras, como seminários, cursos, debates sobre produção e comercialização, formação política, entre outros temas específicos. Participam das lutas, em busca dos direitos das mulheres, dos trabalhadores(as) em geral, saúde, lutas em defesa do meio ambiente, contra o agronegócio, a violência, entre outras que surgem no decorrer. O grupo também participa de eventos e feiras locais onde expõe e vende os produtos em pequena escala.

Com a implementação da associação, tornou-se possível acessar projetos e programas do governo federal, entre eles o PAA (Programa de Aquisição de Alimentos). Esse programa trouxe grande motivação para as mulheres, pela renda gerada para elas mesmas e suas famílias. Apesar das dificuldades da grande burocracia, da falta de equipamentos e estruturas adequadas para atender às normas exigidas, e de pessoas qualificadas, as mulheres conseguiram participar do projeto até o final, recebendo apoio de pessoas e entidades que auxiliaram na

execução do programa. A possibilidade das mulheres estarem produzindo e gerando renda trouxe grande alegria para o grupo e tornou as mulheres libertas e independentes financeiramente, o que trouxe grande satisfação e autonomia. Quando o grupo viabilizou a geração de renda, atraiu mais gente e houve o interesse das jovens em participar.

Quando o grupo acessou o projeto do PAA teve ganhos monetários que aumentaram a renda das famílias, associada à produção de alimentos saudáveis para subsistência e uso das plantas medicinais. E o resultado positivo continua até hoje, na saúde, nas relações de gênero e na agroecologia.

Como a experiência de venda para o PAA foi bem sucedida, a associação seguiu buscando o sonho de se adequar às normas exigidas pela Vigilância Sanitária para poder acessar novos projetos. Em parceria com o Centro Ecológico foi realizada a readequação da estrutura e, em 2012, obtiveram registro para produção de polpa de açaí juçara junto ao MAPA e para produção de pães e outros processados junto à Vigilância Sanitária. Essa possibilidade real de trazer para as mulheres da AMADECOM liberdade e independência financeira com princípios solidários é a grande contribuição da luta e do enfrentamento das mulheres do município de Três Forquilhas para todas as mulheres.



Rótulo de polpa de açaí juçara da AMADECOM

Com a caminhada cheia de desafios, mas com a persistência das mulheres, foram possíveis outras conquistas: a fundação do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais no município, o projeto de habitação com a Caixa Econômica Federal, tendo como proponente a AMTRU (Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais e Urbanas da Região Litorânea), abrangendo três municípios da região.

As experiências tornaram possível o sonho da autonomia, mesmo que por pouco tempo e este gosto nos impulsiona para buscar outras formas e espaços de atuação e tomada de decisões. Tudo o que se refere às mulheres, conquistas, direitos, é um processo a ser construído. Infelizmente, é bem demorada a construção, mas exige de nós luta permanente e portas que se abrem a cada dia. O importante é que a experiência de certa forma trouxe a problemática das mulheres para a discussão. O grupo avançou muito nesta questão, com toda aprendizagem e o trabalho, as mulheres estão indo além do espaço doméstico, passaram a ter autonomia e participar nos espaços de decisão, produção e comercialização. Com isso, houve um crescimento pessoal e amadurecimento das mulheres que se sentiram valorizadas e, aos poucos, se desafiam mais.

Os homens veem a experiência com surpresa, com dúvida, não acreditando muito. Na família, há resistência, pensam que é perda de tempo e na comunidade há uma grande confusão, a maioria não tem clareza do trabalho e confunde a consciência política, o crescimento e amadurecimento das mulheres do grupo e também a tomada de decisões. Às vezes uma posição particular afeta o conjunto e também confunde as preferências partidárias. As mulheres superam isto fazendo o enfrentamento diário e buscando cada vez mais espaços.

A perspectiva é continuar com a produção ecológica, valorizando a natureza e a vida e, acima de tudo, valorizando o trabalho e o companheirismo, trazendo mais mulheres para o grupo, estruturando a sede da AMADECOM para se adequar e continuar o trabalho de preservação da natureza e geração de renda para as mulheres e suas famílias.

Mas, se as palavras não foram suficientes para convencer vizinhos, o exemplo não só da AMADECOM, mas de outras famílias da região, impulsionaram outras para iniciar o trabalho de mudança na maneira de cultivar e vender. Em 2014, um grupo de agricultores e agricultoras

ecologistas está sendo estruturado nas comunidades da Boa União e Morro do Chapéu. Participaram do curso de princípios básicos de agricultura ecológica e já fazem parte do Núcleo Litoral Solidário da Rede Ecovida, e alguns estão em processo de certificação.

GRUPO DE MULHERES ALEGRIA DE VIVER

Comunidade de Santo Antônio, Distrito de Vila Segredo, Ipê

O Grupo de Mulheres Alegria de Viver iniciou em 2002 e é um grupo informal constituído, atualmente, por 23 mulheres agricultoras. Parte delas trabalha com agroecologia, outras trabalham com produção agrícola convencional. A maioria já recebe aposentadoria como agricultoras.

Cerca de 90% delas têm ensino fundamental incompleto, 5% têm ensino médio completo e 5%, ensino superior incompleto.

O grupo surgiu pela necessidade de se encontrarem com as amigas e ultrapassarem o espaço doméstico, pois antes somente saíam de casa para ir à missa ou em reuniões que aconteciam esporadicamente na comunidade. Os encontros proporcionaram maior convivência e, principalmente, vencerem a timidez.

No início, algumas mulheres não tiveram pleno apoio por parte da família, em especial dos maridos, que perguntavam o que elas faziam nas reuniões, manifestando um sentimento de curiosidade, mas essas dificuldades foram superadas.

Estas mulheres também estão envolvidas em outras associações e cooperativas. E participam do Coletivo de Mulheres junto ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ipê.

Todas têm acesso à documentação como Carteira de Identidade, Cadastro de Pessoa Física, Título Eleitoral e Bloco de Produtor. A Carteira Nacional de Habilitação é uma conquista de poucas - das 23 participantes, apenas 3 a possuem.

Entre os objetivos do grupo está incentivar para que novas mulheres iniciem a experiência com produção agroecológica nas suas propriedades.



Reunião do Grupo de Mulheres Alegria de Viver. Foto: Acervo Centro Ecológico

Dentre as mulheres que compõem o grupo Alegria de Viver, as agricultoras Admir Serafin, Elisiana Marcon, Florita Marcon, Lorena Longhi, Maiara Marcon, Marieli Serafin e Micheli Serafin, também fazem parte da APESAA (Associação dos Agricultores Ecológicos da Capela Santo Antônio Abade), criada em 1992, que faz parte do Núcleo Serra da Rede Ecológica de Agroecologia. Algumas produzem para vender, outras produzem para autoabastecimento da família, e algumas são trabalhadoras em propriedades que cultivam de forma agroecológica.

A experiência das famílias com a agroecologia iniciou há 22 anos. Algumas começaram fazendo pães, biscoitos e massas de forma caseira e comercializando nas feiras da região. Com o passar do tempo produtos *in natura* foram incluídos na venda, como por exemplo, alface, cenoura, beterraba, entre outras hortaliças.

A produção sem adubos e venenos químicos já era desenvolvida em pequena escala em algumas propriedades. Porém, as famílias, motivadas pelo trabalho do Centro Ecológico, e com a colaboração da Emater/Ipê, intensificaram a produção de orgânicos tornando esta a sua principal fonte de renda.

Segundo elas, as cooperativas tradicionais e o sindicato têm como prioridade a produção convencional, não auxiliando na questão técnica dentro das propriedades agroecológicas.

De acordo com os relatos, mesmo que a agroecologia exija maior dedicação devido à menor quantidade de insumos para controle de pragas

e doenças e maior necessidade de mão-de-obra para a produção, ainda assim os benefícios superam essas dificuldades porque resultam em melhor qualidade de vida, que representa saúde, lazer e bem estar das famílias.

Também relatam que a questão saúde foi muito relevante porque, de forma geral, em todas as famílias houve redução na ocorrência de doenças. Segundo elas, isso se deve, em parte, ao não uso de agrotóxicos, mas também é resultante da alimentação devido à melhor qualidade dos alimentos.

As famílias produzem a maior parte dos alimentos de seu consumo e que compram em mercados somente alguns itens, entre eles, arroz, açúcar e óleo, não tendo o hábito de comprar refrigerantes e enlatados.

Segundo elas, a falta de mão de obra na área rural leva algumas famílias ecologistas a terem em sua propriedade uma parte da produção em sistema convencional, especialmente o cultivo de milho.

É importante ressaltar que o acesso à terra e aos recursos naturais, especialmente água, não são dificuldades. Porém, quanto à água, as mulheres manifestam a necessidade de construção de açudes para períodos de escassez, e que as exigências legais ainda impedem ou retardam esta construção.

Relatam que houve resistência, por parte da comunidade e da própria família, em relação ao trabalho da agroecologia pois no início algumas pessoas duvidavam que pudesse ser possível produzir sem utilizar agrotóxicos, visto que naquele tempo quase não havia experiências construídas na região.

Quanto aos desafios para a continuidade da experiência, a maior preocupação é relacionada à sucessão familiar. Os pais estão ficando velhos e não sabem até quando terão capacidade para continuar cultivando e mantendo a propriedade. Elas relatam que os filhos querem trabalhar na cidade para terem sua independência econômica e que as decisões da propriedade ainda são determinadas pelo pai.

Para estas mulheres, o trabalho com agroecologia tem como aprendizados principais, a consciência de saber que é possível plantar sem agrotóxicos, a importância de trabalhar organizadas em grupo, e a realização e a valorização profissional de cada uma.

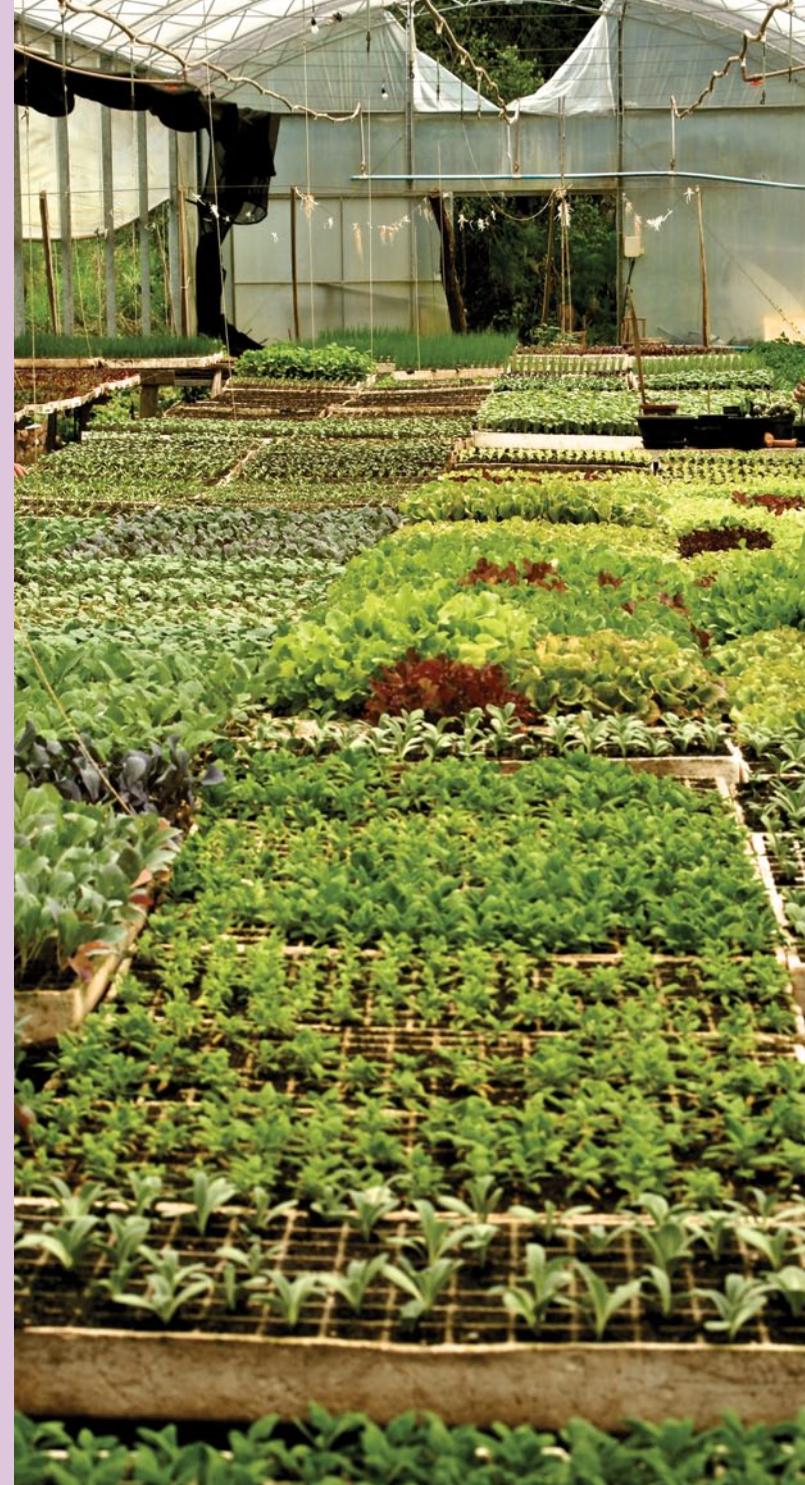


CONCLUSÃO

O meio rural e a agricultura familiar são espaços onde se mantêm mais fortemente padrões de comportamento com formas de organização patriarcal, onde as desigualdades de gênero se fazem presentes. A dupla (ou até tripla) jornada de trabalho, a ideia de que o trabalho em casa, nos quintais e hortas ou na criação de pequenos animais é trabalho doméstico e não produtivo estão bem presentes.

As experiências que foram aqui descritas vêm comprovar que as conquistas das mulheres são maiores nos processos onde a produção agroecológica foi articulada com a promoção do acesso a informação e com estratégias de garantia da autonomia econômica e política de forma contínua.

Por isto, entidades como a Fundação CEPEMA e Centro Ecológico vêm trabalhando no sentido de favorecer o acesso a conhecimentos específicos, tanto técnicos quanto políticos, bem como propiciar a obtenção de níveis mais elevados de renda. E, também, no sentido de criar e fazer reconhecer espaços que possibilitem a reflexão e consciência dos limites de gênero e geração, construindo maiores níveis de humanização a serem vivenciados e assumidos nos coletivos e organizações das famílias agricultoras, especialmente as de base ecológica.



Produção de mudas orgânicas - APESAA. Foto: Flavio Borghetti

A Fundação CEPEMA tem como missão promover o desenvolvimento social e ecológico nas perspectivas ambiental, econômica e político-cultural, através de formações com base na agroecologia, para comunidades urbanas e rurais.

Desde a sua fundação, tem contribuído com a questão de gênero na formação com as mulheres, facilitando o avanço de suas organizações no que se refere aos aspectos sociais, econômicos e culturais. E também tem dado uma grande contribuição para a redução do uso dos agrotóxicos por parte de algumas agricultoras, através do manejo da agricultura familiar ecológica e agroflorestal.



O Centro Ecológico é uma ONG que, desde 1985, trabalha para viabilizar avanços sustentáveis na produção agrícola, mediante a adoção de tecnologias de base ecológica, orientadas para a preservação ambiental e justiça social.

As mulheres, nas áreas rurais, são altamente dependentes de recursos naturais locais para sua subsistência e, ao mesmo tempo, enfrentam desvantagens históricas, que incluem o acesso limitado à tomada de decisões e a recursos econômicos.

Em suas atividades, o Centro Ecológico busca assegurar a participação das mulheres e sua influência política, seu empoderamento econômico e a melhoria das condições de trabalho, bem como a soberania alimentar.

Realização:



Apoio:

